

O BARÃO DO RIO BRANCO OPINA SÔBRE O MARECHAL DEODORO.

E. BRADFORD BURNS

Do Departamento de História da Columbia University.

O Barão do Rio Branco era partidário dedicado da monarquia. Herdou essa convicção de seu ilustre pai, um dos maiores estadistas do Império; e êle mesmo serviu com muito zêlo e dedicação ao Imperador quando na Europa. Pedro II recompensou seus serviços leais e dedicados concedendo-lhe um título de nobreza em 1888. Esse ato veio aumentar sua convicção monárquica. Assim se explica, em parte, a razão porque êle não acolheu bem o *coup d'état* de 1889, que trouxe a derrubada do Império. O nôvo barão francamente não gostava da mudança encaminhada pela República. Entretanto, como bom diplomata, guardava um silêncio público discreto a serviço da pátria, mesmo contrariando preferências políticas privadas. Raras vêzes expressou por escrito seu pensamento, numa demonstração de falta de confiança no govêrno republicano. As mais conhecidas dessas expressões se encontram em duas cartas particulares dirigidas a Joaquim Nabuco, outro monarquista. Nessas cartas o barão criticou o federalismo, os abusos dos Estados, a anarquia às vêzes oculta e outras vêzes aberta, a política egoísta, a instabilidade e a esterilidade (1).

Muito recentemente apareceu outra expressão do desapontamento do barão com a nova República. E' um ensaio curto, até hoje desconhecido, em que êle comparou o Marechal Deodoro da Fonseca, então presidente da nova República, com o General Ulysses S. Grant, outrora presidente dos Estados Unidos da América. A inspiração do ensaio foi um artigo publicado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, comparando Deodoro com Grant. Pelo visto, êsse artigo descontentou Rio Branco que pensou que tal comparação era inadequada. Opinando assim, êle escreveu seu ensaio para salientar as diferenças entre os dois militares.

(1). — A primeira destas cartas foi escrita em 1891 (e nela não se vê nem mês nem dia) e é propriedade do Embaixador Mauricio Nabuco. A segunda é datada de 30 de agosto de 1902 e encontra-se no Arquivo Particular de Rio Branco do Arquivo Histórico do Itamarati.

Essas diferenças segundo o historiador Rio Branco eram fundamentais. O General Grant tinha grande experiência militar no combate durante a Guerra de Secessão, 1861-1865, comandando centenas de milhares de soldados. Ele mesmo foi um soldado exemplar sob muitos aspectos, nunca se evidenciando um só lapso de disciplina ou possibilidade de se rebelar; ao contrário, sempre servindo com lealdade seu chefe de estado. Mais tarde, em 1869, Grant chegou à presidência por voto popular e reformou-se no exército para aceitar êsse alto pôsto. Foi um republicano convicto que respeitava tôdas as instituições da República. Na opinião de Rio Branco o marechal foi exatamente o contrário. Deodoro não demonstrara experiência notável no campo de guerra. Muito menos deu exemplos de disciplina, foi rebelde, e traiçooou seu imperador. Depois de declarada a República, não respeitou as instituições da mesma, comportando-se como ditador. A única semelhança notada entre os dois, pelo barão, era a corrupção que a ambos cercava. Escrito em tom de ironia pesada, o ensaio evidenciava o desdém do barão para com o marechal. No paralelo, Grant ganhava distanciado.

Se a comparação com Grant não se tornava possível, Rio Branco sentiu que Deodoro assemelhava-se mais a um outro generalíssimo latino-americano, Antônio López de Santa Anna. Esse militar mexicano era uma triste figura na história de seu país. Ele também derrubou um imperador, Iturbide, e apoderou-se do poder. Ele trouxe a ditadura e o caos à sua pátria durante longos anos, e implantou a anarquia na política mexicana (1822-1855). Mais que ninguém, Santa Anna carregava em seus ombros o pêso da culpa de ter seu país perdido a metade do seu território, em benefício dos Estados Unidos da América. Rio Branco notou uma relação entre o mexicano e Deodoro que também derrubou um imperador, instituiu uma ditadura, encorajou o caos e incitou a divisão no disputado território das Missões, com a Argentina. O barão criticou duramente essa divisão, porque êle sabia que a reivindicação brasileira do território disputado era a mais legítima. Mais tarde êle ganharia esta causa para o Brasil por arbitragem. Assim como Santa Anna foi uma desgraça para o México, o barão sentia que Deodoro tinha sido para o Brasil.

A crítica feita pelo barão ao marechal é bem severa. Não menos é a que faz à República a qual se refere como “a traição de 15 de novembro”. Ele viu a implantação da República, por um golpe militar, do ponto de vista diplomático. Ele sentiu que êsse golpe abalaria a reputação do Brasil no exterior. Os sentimentos do barão estavam sempre voltados para o prestígio internacional do Brasil, como se pode notar em todos os seus escritos e ações.

Esse ensaio é importante por outras razões, além de provar o desdém do aristocrata pela República e sua antipatia por Deodoro. Mostra por duas citações, de dois livros que o barão tinha lido, o seu conhecimento da história hemisférica. E' óbvio que conhecia bem a história do México, dos Estados Unidos da América, e até a história da Guatemala. Muito ao contrário de outros historiadores brasileiros da época, conhecia mais do que a história da pátria.

De interêsse primordial o que êste documento revela é a demonstração de sincero aprêço com que o barão distinguiu os Estados Unidos. A evidência dos fatos internos indica que o ensaio deve ter sido escrito em 1891, dois anos antes da visita do barão aos Estados Unidos, onde como chefe da delegação apresentaria em nome do Brasil o caso das Missões à arbitragem do Presidente Grover Cleveland. Sempre tem sido interpretado que foi durante essa visita e pela decisão favorável do Presidente Cleveland que nasceu em Rio Branco essa atitude amistosa em relação aos Estados Unidos. No entanto, ao contrário, êste ensaio prova que essa admiração do barão pela América do Norte era anterior a êsse acontecimento. Sua visita e a vitória dessa arbitragem vieram fortalecer êses sentimentos.

O ensaio é importante para o melhor conhecimento e compreensão que revela da personalidade de Rio Branco. Porque ao que consta permanece desconhecido e se acredita nunca ter sido impresso, o paralelo que vai aqui publicado. O documento original se encontra no Arquivo Histórico do Itamarati, na secção chamada Doações e Aquisições, sob o título de *Documento autógrafo do Barão do Rio Branco — Um paralelo entre Grant e Deodoro.*

*

* *

DEODORO — GRANT.

Nem como militar, nem como homem político pode Deodoro ser comparado com Grant.

Grant não era militar de letras gordas como Deodoro. Fêz a sua educação na escola militar de West Point, distinguiu-se na guerra contra o México e depois deixou o exército. Era orador e escritor. Nunca assinou de cruz *bestialógicos* como êsse lido ao Congresso Brasileiro no dia 15 de novembro de 1890. Publicou as suas *Memórias*, livro que pode ser lido.

Nunca deu exemplos de indisciplina aos soldados americanos, como Deodoro o fêz no Brasil. Nunca foi rebelde como Deodoro; nunca traiu ninguém. Combateu, sim, os rebeldes e traidores. Tendo deixado a carreira das armas, ofereceu-se para combater a rebelião

escravagista e separatista. Foi nomeado coronel de voluntários; ganhou as Dragonas de general nos campos de batalha; recebeu o comando de um corpo de exército com o qual apoderou-se de Vicksburg, fazendo 30.000 prisioneiros e tomando 200 canhões; alcançou brilhante vitória na batalha de Chattanooga; foi nomeado general em chefe de todas as forças em operações (1864); e com o exército do Potomac ganhou em 1865 as batalhas de Wilderness e Spottsylvania, nas quais perdeu entre mortos e feridos, 38.000 homens; apoderou-se de Petersburg e Richmond, depois de um assédio para sempre célebre, ganhou ainda a batalha de Five Forks, e obrigou a rendição em Appomattox dos últimos restos do exército sulista, sob o comando do general Lee, um dos mais experimentados guerreiros deste século.

Grant teve sob suas ordens em 1864 ainda menos de 970.710 (2) homens, mas nem por isso foi “generalíssimo”, como Barrios, de Guatemala, Melgarejo, da Bolívia, e Deodoro, do Rio de Janeiro.

O Sr. Deodoro ganhou as dragonas de general de brigada em plena paz, e o título de “generalíssimo”, na rua Larga de São Joaquim, por aclamação. Seus serviços de guerra são os do Paraguai, e aí apenas foi comandante de batalhão, cumprindo as ordens que recebia do seu comandante de brigada o qual as recebia do comandante de divisão, que, por sua vez as recebia do comandante do corpo de exército, e este do general-em-chefe. Foi, portanto, um *cinquième rôle*. Mais de duzentos comandantes de batalhão teve o Brasil no Paraguai no decurso da guerra, e muitos deles sem pertencerem ao exército regular, distinguiram-se tanto como o Sr. Deodoro, e foram como ele feridos. Basta citar o coronel Dr. Píñheiro Guimarães, tão conhecido no Brasil e no mundo das letras.

Grant foi eleito presidente da República dos Estados Unidos pelo livre voto dos seus concidadãos. Nunca usurpou o poder público, nunca autorizou despesas sem lei, nem foi ditador como os ridículos tiranetes da América Latina, entre os quais figurara o Sr. Deodoro. Não banuiu ninguém; não submeteu os jornalistas ao julgamento de comissões militares; não mandou assaltar tipografias e sobre a sua consciência não pesa a responsabilidade de assassinato algum, como o do infeliz Romariz. Ao receber a primeira magistratura de sua patria, teve de renunciar ao posto de general e de ser eliminado do quadro do exército americano, como determina a lei dessa grande República. Só foi readmitido no quadro dos generais da República, em 1884 por proposta do senador Edmonds. Havia sete anos que deixara a presidência (3).

Grant nunca procurou impor a sua vontade ao país: “Terei sempre uma política a recomendar”, disse ele quando foi eleito, “mas não terei nenhuma a opôr à vontade do país”. Nunca forjou leis especiais para falsear o voto ou tornar as eleições uma força vergo-

(2). — Louis Richard Cortambert e F. de Tranaltos, *États-Unis d'Amérique. Histoire de la Guerre Civile Américaine*, 1860-1865. (Paris. Amyot, 1867). Tomo II, p. 76. (Citação feita por Rio Branco e completada por EBB).

(3). — A sua segunda presidência terminou em 1877. (Citação feita por Rio Branco).

nhosa. “O país”, dizia êle, em novembro de 1876, recomendando neutralidade nas eleições, “não suportaria que o resultado do pleito eleitoral pudesse sofrer a nódoa de uma suspeita de ilegalidade ou de fraude”.

Pode-se comparar um homem dêsses ao Sr. Deodoro para quem o direito nada vale, para quem a brutalidade dá fôrça e não pode-se comparar Grant a Deodoro que cedendo aos maus conselhos de um mentecapto, saiu entre os estudantes vadios, tenentes de letras gordas e os meninos cegos, praticou a Traição de 15 de novembro e desmoralizou aos olhos do mundo a sua pátria impondo-lhe um govêrno “constituído pelo exército e a armada”?

Só se pode achar semelhança entre Grant e Deodoro em um ponto, que foi objeto de muitas censuras do antigo correspondente do *Jornal do Commercio* em New York, censuras que tanto irritavam o Sr. Partridge então ministro americano no Rio de Janeiro. O govêrno do general Grant tornou-se célebre pelas imoralidades de muitos dos seus amigos e de alguns dos seus parentes entre os mais próximos. Todos procuraram enriquecer rãpidamente e d’ãí escândalos como *wiskey ring*. Foi essa a quadra de um *wilsonismo* (4) igual ao que revoltou há poucos anos o sentimento popular em França, como *hermismo* (5) ou *fonsequismo* há de revoltar por fim os brasileiros.

Na comparação do *Jornal do Commercio* sem dúvida havia malícia. Êsse ponto fraco do govêrno de Grant é o único que pode achar correspondência com o atual govêrno do Brasil.

No Brasil já o Sr. Deodoro não é mais comparado a Washington. Foram agora buscar Grant, mas como militar e homem político, o “generalíssimo” é a antítese de Grant.

O paralelo do “salvador da pátria brasileira” deve ser feito com outro “salvador de pátrias”, com outro “generalíssimo”, o illustre, glorioso e benemerito ditador Santa Anna, do México. Todos êsses epítetos teve êle enquanto poderoso. Hoje a sua memória é execrada. Os adulaadores que o cercavam compararam-no também ao illustre Washington e deram-lhe o título de “fundador da República”, porque, sendo coronel, revoltou-se contra o Imperador Iturbide, seu benfeitor, e proclamou a República. Também nesse episódio da história da América Latina, deram-se gloriosas fraternizações como a 15 de novembro de 1889 no Rio de Janeiro. Um general que Iturbide enviou contra o coronel rebelde, passou-se para o acampamento contrário (6), e o Império de Iturbide desapareceu. Em seu logar ficou a chamada “República”, república dos

(4). — Refere-se ao político francês Daniel Wilson. Em 1888 êle foi implicado num escândalo a respeito da venda de condecorações nacionais.

(5). — Refere-se ao Sr. Hermes Ernesto da Fonseca.

(6). — “Un général envoyé contre lui pour châtier sa rebellion se joint à lui...”. Gabriel Ferry (Eugène Louis Gabriel de Bellemore), *Les Révolutions du Mexique* (Paris. Dentu, 1864), p. 178. Na história da América Espanhola encontrou-se assim muitos militares como o general Almeida Barreto, o passado de 15 de novembro. (Citação feita por Rio Branco e completada por EBB).

quartéis que tem feito a desgraça daquele país. O *invicto* Santa Anna, tão glorioso nas guerras civis sempre que se achou diante de inimigos estrangeiros, gente que não fraterniza, fêz a mais triste figura. Em 1836 foi batido e aprisionado em San Jacinto (Texas). Santa Anna tinha fuzilado prisioneiros. Os *yankees* quiseram usar de represálias. “Conduzido a Baltimore”, diz Gabriel Ferry (7), o congresso delibera se Santa Anna deve ser fuzilado. A maioria é quase dessa opinião. Mas um membro da assembléia levanta-se e diz: — “Sres. Estamos em guerra com o México; queremos por conseguinte fazer-lhe todo o mal possível; e o melhor meio de conseguí-lo é restituir-lhe o seu fatal presidente”.

“Esta singular moção salvou a vida de Santa Anna. Foi posto em liberdade depois de prestar juramento de que nunca tomaria armas contra o Texas”.

Depois, quando os americanos invadiram o México, o “Invicto” e “Glorioso” foi sempre derrotado, e acabou entregando ao estrangeiro grande parte do território nacional, como no Brasil, sem luta, sem necessidade alguma, quer-se agora entregar à República Argentina a parte do território impròpriamente chamado de Missões.

(7). — *Op. cit.*, pág. 201. (Citação feita por Rio Branco).